

Os Restos do Poeta

Bruno Cardoso

Catarse Elétrica (<http://catarse.co.nr>)

21 de abril de 2006

Passou da hora.

O relógio tocou, o pássaro cantou e a lua sumiu. Passou e agora é tarde; mesmo que ainda houvesse uma esperança, uma última gota de água, de vinho, de qualquer fluido que fosse, mesmo que escurecesse novamente, que cantassem todos os artistas, que dançassem todas as bailarinas, que chorassem novamente todos os solitários, já seria muito tarde.

O corpo que jazia ao pé da escada estava agora sendo puxado para cima pelos antigos amigos que, contento a repulsa do ato, olhavam amargamente para as marcas deixadas por seus dedos inseguros nos braços cadavericamente rígidos e gélidos do antigo companheiro.

Estava devidamente morto.

A dieta questionável e a rápida ação bacteriana, faziam do pobre cadáver um fardo terrivelmente pesado e de um mau cheiro capaz de enfraquecer qualquer homem viril. Arrastavam-no já para o quarto degrau e seus pés descalços dilaceravam-se na altura dos tendões que, a cada corte mais profundo, expeliam sobre a áspera escada várias gotas grandes de sangue coagulado. O rastro fedorento deixado pelo morto afastou muitos curiosos e amigos – estes acabaram delegando a desagradável tarefa de transportar aquilo à cargo de dois rapazes que não tinham muita certeza do nome do sujeito assassinado.

Sim, assassinado! Diz-se que ele, o morto, era amigo do outro, o assassino, e que, após alguns desentendimentos, este perdeu a paciência e laçou o pescoço daquele com uma corda de piano – instrumento que, ironicamente, a vítima tanto apreciava!. O autor do crime fugiu rapidamente, esgueirou-se pela escuridão e por lá ficou; uns dizem que ele se desfez com os primeiros raios de sol, mas os mais sensatos preferem acreditar que ele era rápido e teve bastante sorte.

Seja como for, agora o morto já alcançava o décimo primeiro degrau. A cabeça pendia para frente, batendo o queixo contra o tórax inchado a cada degrau que a dupla de carregadores subia de costas. Fazia tal movimento de uma forma tão particular que não seria de se espantar se um transeunte, desatento, olhasse duas vezes para a figura antes de ter certeza de que aquele homem que estava sendo puxado escada acima não estaria gargalhando em silêncio.

O sol das oito iluminava a escadaria. Havia passado da hora. Estava ele no décimo oitavo degrau, onde os rapazes tomaram força e o puxavam com mais empenho. A repentina determinação tornou a cena ainda mais bizarra: o cadáver sacolejava para lá e para cá, os pés em carne viva e manchados de sangue escuro trançavam-se e separavam-se a cada solavanco. Os curiosos continham o riso, tapavam os narizes – com tanto movimento, o odor pútrido espalhou-se ainda mais – e limitavam-se à comentários jocosos.

Uma criança, irritada com o cheiro, interrompera os berros para apontar e dizer: “olha o boneco, papai!”.

Todos riram e riam. Os amigos, ainda no primeiro degrau, trocaram olhares constrangidos (diz-se também que um deles se afastou, que observou tudo da esquina... fora “pegar um ar”...). A grotesca marionete subia cada vez mais, alegrando o público doentio com toda sua graça póstuma e fazendo-os esquecer, seja isso bom ou ruim, de todos os fatos que culminaram naquele último ato. O assassino, até então odiado e amaldiçoado, fora quase que completamente esquecido, pois agora pairavam sobre ele comentários e devaneios dos mais variados tipos, de modo que alguns espectadores, contagiados com todas as risadas, até saudavam o jovem criminoso, agradeciam-no pelo espetáculo.

Lá depois do vigésimo sétimo degrau, surgiu o padre. Assustado com o deplorável estado do morto, deu um pulo para trás e quase soltou um grito agudo. O cheiro subiulhe às narinas de tal forma que o velho de batina cambaleou e quase caiu sentado nos degraus superiores.

– Quem é o morto? – perguntou o padre.

– É Luciano... – respondeu um dos rapazes, ofegante.

– O poeta? – levantou-se e desceu alguns degraus para ver a face inchada do rapaz – Luciano Siqueira? O poeta? Deus do céu!

– Foi enforcado pelo amigo, mas o safado fugiu! – disse o outro, largando o corpo que quase deslizou escada abaixo – Arrancou uma das cordas da primeira oitava do piano do bar do Moacir e enforcou o... o...

– ...Luciano – completou o outro.

– Isso. Depois o maldito sumiu na noite – continuou –, ninguém sabe por onde o cabra anda, parece que sumiu no mato, sei lá... Seu padre, viu como foi fundo o corte? – sentou-se e começou a apontar bem de perto – O homem tem braço, olha só!, quase arreventou a veia do coitado, dá pra ver que tem um monte de sangue aqui, aqui, aqui...

O padre, de estômago fraco e caráter questionável, queria acabar logo com aquilo. Os amigos de Luciano choravam quase que sinceramente aos pés da escada, a multidão, sem escrúpulos, respeito ou compromisso algum, divertia-se com a imagem do defunto fantoche, gordo e inchado, todo dilacerado e quase em decomposição.

– Ele morreu defendendo a poesia! – gritou o amigo Maurício lá de baixo – A poesia! Aquele crápula o assassinou, mas sua obra permanecerá! Vocês riem agora, mas amanhã seus filhos estudarão a obra deste magnífico poeta! – percebendo a atenção que recebera, com três passadas, subiu os degraus de dois em dois, virou-se para a multidão, encheu o peito e prosseguiu: – Este homem honradíssimo, filho de boa família, arriscou a vida lutando para defender a poesia! Livrou-se de todos os valores materiais e dedicou-se unicamente a escrever, a criar...

– ... e a comer! – gritou alguém, seguido por uma estrondosa gargalhada.

– Só escrevia versinhos nos guardanapos do bar! – gritou outro.

– É um artista! – berrou Jorge, conhecido do poeta.

– Artista nada, é um pedante! – bradou um terceiro.

O padre, diante da confusão, não soube o que fazer. Rezou duas “Ave Maria”, meio “Pai Nosso”, fez o sinal da cruz e correu para dentro da igreja. Os rapazes, visivelmente perturbados, largaram o corpo e correram escada acima. O defunto, jurisprudente, ciente da única lei que ainda devia obedecer, rolou com maestria todos os vinte e tantos degraus de pedra da praça até se estatelar no pátio. Mal chegou inteiro: do pescoço jorrava

aquele sangue escuro e grosso, o ombro esquerdo estava deslocado e o antebraço, provavelmente, quebrado; a face fora desfigurada, os óculos redondos que ainda adornavam a face rígida do poeta contribuíram ainda mais para a mutilação que sofrera, pois a lente direita fragmentou-se e fez seu serviço ao retalhar impiedosamente a órbita ressecada do pobre Luciano. Sem falar, é claro, das centenas de escoriações menos extravagantes.

A multidão, exemplarmente politizada, atirou-se em volta dos restos fétidos do poeta sem fazer a menor cerimônia. Alguns, com a camiseta tampando o nariz, agachavam-se ao lado do cadáver para ver melhor o estrago causado.

Os amigos, desolados, de quem partira a idéia de carregar o corpo até o topo da escada para denunciar a atrocidade ocorrida – e, concomitantemente, para promover uma coletânea de poesias lançada no mês anterior – tentavam agora fugir da multidão, que os agarravam com o intuito de colocá-los no centro da roda, onde jazia Luciano Siqueira.

Maurício teatralizou sua tristeza e por pouco não abraçou aquele futuro ninho de vermes. No fim do dia, mais famoso e cheio de si, conseguiu vender cinco livros. Jorge, mais contido, vendeu apenas dois, pois limitou-se a ajoelhar e rezar diante do corpo do seu companheiro que, nas suas palavras, “era um grande amigo, um irmão!”. Os outros se dispersaram, uns foram ter com Bartolomeu que, apesar de ter assassinado Luciano, era boa gente e escrevia belos sonetos.